

♀ DIA DA MULHER: CATARINA TAVARES FERREIRA

“Acham que só os homens sabem fazer aquilo, mas as mulheres também sabem”



Feliz Dia da Mulher



Ainda enveredou pela área das Ciências Naturais no liceu, mas Catarina Tavares Ferreira cedo percebeu que “não era aquilo”. Incentivada pelo pai, que trabalhava na área dos moldes, procurou no CENFIM em Oliveira de Azeméis a formação com reputação de “empregabilidade garantida”. Aprendeu sobre mecatrónica, CNC, desenho e ficou cativada, acabando por integrar os quadros da Azemoldes depois do estágio incluído no curso. Três anos depois, Catarina Tavares Ferreira saiu da empresa, em janeiro, deixando para trás o mundo automóvel e dedicando-se agora aos moldes para calçado.

“Tínhamos pouco trabalho e o pouco que vinha ia para quem

tinha mais experiência, estava cansada e precisava de mudar”, conta. Das 20 pessoas naquele departamento, apenas duas eram mulheres, incluindo ela própria, uma realidade com que conviveu desde sempre. “Na produção era tudo homens, as únicas mulheres que havia era no escritório. Já no CENFIM, no curso, éramos apenas quatro mulheres, sendo que houve anos em que eram só homens. É a área da metalúrgica”, conclui. Menos mulheres com excelentes resultados. “Consegui tirar a melhor média no CENFIM e recebi prémio de mérito”, diz, orgulhosa.

Não recorda comentários negativos no percurso, mas aponta as reações das pessoas quando fala no seu trabalho como desenhadora projetista. “Ficam surpresas, perguntam se não é só homens, se gosto realmente disto, eu respondo sempre ‘gosto e acho que escolhi bem, aprendo muita coisa’”, refere. Cada situação desconfortável é encarada pela jovem como um desafio. “Acham que só os homens sabem fazer aquilo, mas as mulheres também sabem”, frisa. Hoje, trabalha na Fernando Ferro & Irmão, em Estarreja, e é a única mulher. “Nunca tiveram lá mulheres, sou a única no desenho”, diz, revelando que está entusiasmada com uma nova fase de trabalho que se aproxima em que vão aprender a fazer o molde de raiz. “No mundo automóvel, a marca mandava e nós fazíamos. Aqui, vamos aprender a desenhar os moldes dos sapatos, há mais liberdade criativa”, afirma.

Não esconde, porém, que ainda se sente “intimidada” quando vai à parte da produção e o contexto é maioritariamente masculino. “Ficam a olhar... Mas não podemos ligar, temos de deixar para lá, se formos a ligar a tudo o que ouvimos... Às vezes, tenho de fingir que não ouço certas conversas”, comenta. Não nota grande evolução nos últimos anos no que toca à igualdade de género e acredita que a consciência deve começar já na formação. “Quem entra para os cursos, deve estar consciente da linguagem que usa, deve estar atento. Noto, contudo, que em termos de contexto de trabalho, já há uma maior preocupação porque o meu chefe deixou-me à vontade para expor qualquer tipo de situação e recebemos comunicações internas sobre os direitos no local de trabalho”, refere.